

Editorial

A equipe se sente vitoriosa toda vez que entrega à comunidade acadêmica mais um número da Revista. Nos últimos dois anos a Revista tem se qualificado continuamente, em especial com o apoio sistemático da PROPEsq. Partimos do estado em que a Revista se encontrava sem definição no Qualis/Capes para atingir, até o momento, o Qualis B Nacional. Isso demonstra o investimento da equipe e de seus colaboradores, em particular a contribuição dos autores, do Conselho Editorial e dos consultores *Ad Hoc*. Este número teve sua edição concluída excepcionalmente em dezembro de 2005.

Os artigos da primeira seção debruçam-se sobre os ambientes computacionais de aprendizagem. De um lado, temos as pesquisas que analisam a relação de alunos ou professores-alunos que se apropriam das tecnologias digitais com vistas a potencializar o seu trabalho; de outro, as pesquisas que analisam a implementação de sistemas e seus efeitos desejáveis na potenciação da aprendizagem. O que há de comum em ambos é a preocupação em pautar sua inserção com fundamentos teóricos sólidos que se expandem nas práticas e nos usos das tecnologias computacionais.

É nesta última vertente que Patrícia Augustin Jaques e Rosa Maria Vicari discorrem sobre sistemas inteligentes capazes de inferir os estados emocionais dos sujeitos, expressar e simular emoções. O ponto nodal da pesquisa em computação afetiva é compreender as emoções humanas para criar agentes inteligentes capazes de interagir mais efetivamente com as pessoas. No campo educacional seu endereço é para a criação de ambientes computacionais de aprendizagem que reconheçam emoções dos alunos e possam, então, por meio de agentes pedagógicos animados, responder de modo mais personalizado. São estas idéias defendidas no artigo que resgata o Estado da Arte em Ambientes Inteligentes de Aprendizagem que Consideram a Afetividade do Aluno.

Os autores, Marco Antonio Eleutério e Flavio Bortolozzi, descrevem o sistema AMANDA que centra seu desempenho na automatização do processo de condução e análise de discussões assíncronas. Sua concepção sustenta-se na discussão argumentativa e na aplicação de mecanismos de inferência que ao compreenderem uma discussão atuam como mediadores. Sua arquitetura privilegia a forma em árvore de argumentação. Ao se desencadear o processo, a árvore cresce em largura e profundidade. Nesta fase do experimento os autores demonstram o alto grau de participação dos sujeitos, bem como as possibilidades do sistema em gerar interatividade e propiciar a argumentação.

Em *CMTool: Facilitating Meaningful Learning Practice in the Classroom*, Francisco Edson Lopes da Rocha descreve detalhadamente o sistema de implementação do CMTool – um ambiente educacional baseado na inter-relação entre a Teoria da Assimilação de David Ausubel e o conceito e aplicação de mapas conceituais, desenvolvidos por Joseph Novak. O CMTool permite aos professores a exploração e o investimento nas potencialidades dos estudantes para desenvolverem aprendizagens significativas.

Com base nas teorias construtivista e sócio-interacionista, Helena Sloczinski e Marilda Spindola Chiaramonte refletem sobre as possibilidades e os limites no uso das tecnologias computacionais pelos professores de Ensino Superior. Ao participarem da formação de professores-colegas, as autoras mostram os conflitos e os desafios destes alunos ao romperem com a presencialidade e com a perspectiva de ensino. Para tanto, as autoras consideram essencial a mudança de mentalidade que se desdobra na abertura a outro paradigma educacional quando os professores-alunos se aventuram na experimentação de novas práticas pedagógicas.

André Luís Alice Raabe e Júlia Marques Carvalho da Silva apresentam uma experiência bem sucedida na disciplina presencial de Algoritmos. Destacam a Teoria das Experiências de Aprendizagem Medladas de Reuven Feuerstein, na qual mediação e mediador são elementos chaves para o desenvolvimento e a manutenção de níveis mais elevados de aprendizagem. No trabalho com o ambiente ALICE, os professores acompanham o registro detalhado das tarefas e nestes os problemas de aprendizagem. A teoria forneceu o conteúdo para a atividade dos mediadores na avaliação e orientação dos processos de aprendizagem.

O último artigo desta seção, de Adriano Pasqualotti, traz um tema pelo qual cresceu o interesse nos últimos anos: os idosos e, mais recentemente, a sua inclusão digital. O autor propõe que o ambiente informatizado favorece a participação do idoso no seu processo de aprendizagem, em especial a construção de relações sócio-afetivas. Com pressupostos da teoria piagetiana e da sociologia de pequenos grupos, o autor observa "que as pessoas idosas [...] obtiveram um claro e mensurável crescimento, tanto em relação à manipulação do computador [...] quanto com relação às trocas de experiências e de conhecimento sobre saúde".

Os ensaios, apresentados na seção Em Foco, falam de outro lugar, mais especificamente da Psicologia, da Filosofia e da Arte. Embora tratem de temas diferentes: um sobre a subjetivação e o outro sobre o brincar eletrônico, ambos anunciam o rompimento do sensorio-motor e do que secularmente localizamos como real. As autoras expõem a fratura de nossas certezas, confortavelmente instaladas nos modelos de representação tradicionais. Para Tania Mara Galli Fonseca os novos modos de produção digital são disruptores dos limites do corpo sensorial. Carregam potencialidades subjetivantes, pois desafiam os sistemas de representação ao exporem tensões entre o visível e o invisível. Sua perspectiva é positivada na expectativa de que a aliança homem-máquina esteja a serviço de novos modos de subjetivação. Numa linha de argumentação próxima, Dinorá Fraga da Silva vislumbra um corte epistemológico. A função representacional do brinquedo cede lugar à outra vivência estética e a outros universos espaço-temporais não lineares. Há em curso a recriação do imaginário oportunizado pelos jogos computacionais interativos que deslocam o sensorio-motor de cena.

No Relato de Experiências temos a proposta pedagógica do Curso de Licenciatura em Pedagogia a Distância da Faculdade de Educação/UFRGS. O principal aspecto é que a proposta dirige-se à formação de professores ditos "leigos". O contingente de professores com escolaridade até o ensino médio, em exercício nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Rio Grande do Sul, é da ordem de 57% do total de 45515, conforme o censo do INEP para o ano de 2002. É para estes

professores, na verdade professoras, que o curso se endereça. O curso diferencia-se na sua estrutura e concepção pedagógica ao desenvolver um currículo interdisciplinar.

São estes trabalhos que oferecemos aos pesquisadores, professores e comunidade, interessados nos avanços e nas reflexões sobre as tecnologias digitais. A perplexidade que se desdobra na pergunta levantada por Tania M. G. Fonseca é instigante: "Estariamos vivendo as possibilidades de ver o invisível?". Uma questão que se põe neste universo de produções computacionais e seus efeitos nos sujeitos e nas relações do mundo vivido.

Marie Jane Soares Carvalho
Professora PPGIE/UFRGS